



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

PIXO: IDENTIDADES, DISCURSOS E PERFORMANCES

Maria Carolina da Silva Araujo¹

Resumo: Este trabalho pretende apresentar minha pesquisa ainda em andamento (Mestrado em Letras/UFOP), cujo tema são as piXações urbanas. Com base na Teoria dos Atos de Fala e suas ramificações nos estudos da linguagem (AUSTIN, 1990), proponho analisar: as relações entre o ato de piXar e reivindicações identitárias e discursivas de quem o pratica; as relações entre autoria e identidade no contexto da piXação; e, por fim, em que medida é possível perceber o que se inscreve no piXo como ato de fala.

Palavras-chave: Pixo; Atos de Fala; Práticas discursivas

¹ Mestranda em Letras – Tradução e práticas discursivas. Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: bibliotecadevidro@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Minha iniciativa de trabalhar com piXações urbanas deu-se nos anos finais da minha graduação (2014 e 2015), quando comecei a observar um estopim de piXos cada vez mais frequentes em vários lugares da cidade de Mariana-MG, e da cidade vizinha, Ouro Preto – MG, onde resido. Sem conhecer seus autores, nem compreender suas motivações, sobretudo em cidades históricas, com intenso apelo à preservação arquitetônica, percebia apenas que cada novo piXo me sugeria identidades, discursos e performances muito distintos. Apontava também para um desejo comum de se inscrever e se por na condição de autoria. Se a linguagem pode ser entendida como ação, quais, então, seriam as possíveis identidades agenciadas nas paredes? Sobre quem ou o quê desejam se interpor? Esses questionamentos me fizeram pensar, então, sobre os sujeitos que piXam e os processos de (re)construção das suas identidades, por meio de suas práticas sociais e discursivas. Busquei, portanto, compreender os sujeitos que piXam como sujeitos que exercem suas ações *na* e *pela* linguagem.

Uma das principais questões desta pesquisa está atrelada ao livro de Gayatri Spivak: *Pode o subalterno falar?* (SPIVAK, 2010), cujo próprio título complexifica as relações de poder exercidas na e pela linguagem, pois a piXação é uma escrita que requer para si uma identidade cujas práticas discursivas são subalternizadas pelo discurso hegemônico. Em defesa de quem e o que fariam essas identidades preteridas, entendendo que a linguagem é iminentemente política? Que identidades o piXo exclui, rechaça e quais dá voz, visibilidade? E como essa linguagem articula-se com as reivindicações e reconstruções das identidades d@s piXador@s, em sua maioria homens e negros?

Essas questões buscam refletir sobre o lugar da linguagem nas relações e interações sociais, como também os atravessamentos identitários aos quais está sempre sujeita.

Identities: tensions, strategies and (re)constructions



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Discutir identidade está sujeito a vários desdobramentos possíveis: identidade individual, coletiva, cultural, étnica, e todos esses desdobramentos são atravessados pelo tema da diversidade. Há várias correntes teóricas que abordam a diversidade e legitimam tratar dela a título de conhecimento: algumas dessas correntes apoiam-se num vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito à diversidade e à diferença. No entanto, outras correntes teóricas, sobretudo pós-estruturalistas, como os Estudos Culturais, buscarão romper com certos paradigmas sobre diversidade que se limitam a encerrar suas discussões na constatação da sua *existência* (SILVA, 2002, p.1): limitar nossos olhares apenas a constatação de que não somos todos iguais, homogêneos, tende a invisibilizar as tensões que existem entre as identidades e diferenças, que passam a ser tomadas sob uma perspectiva essencialista, cristalizada. Assume como verdade e limita-se à ideia de que somos assim porque somos, como se nossas identidades fizessem parte da nossa natureza, estivessem conosco permanentes e intocáveis, do nosso nascimento até nossa morte. Imunes a tudo e a todos, seríamos sempre: concisos, coerentes, permanentes. Apagam-se, nessa perspectiva, os conflitos e tensões que atravessam constantemente nossas identidades, que nos deslocam, nos (re)constroem.

A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. "Nós" e "eles" não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes "nós" e "eles" não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder. (SILVA, 2002, p.4)

Silva vai entender que as tentativas de fixação de identidades é sustentada pela determinação política de uma norma, de um padrão. E essa norma, para o autor, é considerada uma das formas privilegiadas de se hierarquizar identidades e diferenças. (SILVA, 2002, p. 4) Segundo Silva, as identidades, mesmo sendo produzidas, são sujeitas constantemente a tentativas de fixá-las, estabilizá-las;



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

mas também engendram processos e caminhos de se subverterem. Esses processos também ocorrem com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais a produção de identidades se sustenta: é sobre esses movimentos que tratam várias das metáforas utilizadas pelas teorias contemporâneas, tais como *diáspora*, *cruzamento de fronteiras*; todas suscitam a ideia de movimento, impermanência, imprecisão, ao mesmo tempo em que rompem com as concepções de identidades separadas, segregadas, divididas. As identidades se deslocam em contato com outras identidades e o hibridismo impede sua integralidade: mesmo que guardem alguns aspectos de uma identidade pretensamente *original*, não podem mais resgatá-la, não há integralidade ou pureza ao pensar nelas.

Esses hibridismos não são simétricos; e muitos são forçados, como no caso dos sistemas colonialistas – e o entrecruzamento de etnias, culturas, como no caso da vinda forçada de negr@s para o Brasil, ou mesmo na exploração da população indígena, por exemplo. Mas Silva aponta que, mesmo quando impostos, os hibridismos não afetam apenas as identidades oprimidas, mas também as opressoras. Como são inter-afetados, não é incomum a existência de identidades que transitam entre os dois espaços delimitados: que ignoram ou rompem as fronteiras. Essas identidades, seus corpos, sua vozes contradizem a fixidez a qual somos tentados a crer; personificam o caráter de movimento ao qual toda identidade é sujeita; apontam para a artificialidade dessas fronteiras; reiteram que nada é determinado unilateralmente. Por fim, essas identidades não são apenas uma diferença, mas constituem o questionamento da própria hegemonia. (SILVA, 2002, p. 5)

Esses cruzamentos apontam para o caráter performativo das identidades, na perspectiva da Teoria dos Atos de Fala, na qual Austin (1999) propõe a visão de linguagem como ação. As identidades são constituídas socialmente pelas interações dos sujeitos, politicamente motivadas, estrategicamente construídas, imbuídas de desejos, tensões, conflitos, disputas. Não há nessa perspectiva lugar para se pensar identidade como aquilo que se é, mas naquilo que nos tornamos:



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

a identidade sempre estará sujeita ao movimento, à transformação. Assim, linguagem e as identidades, constituídas no e pelo discurso, acabam sinalizando dinâmicas das identidades sociais que, agindo de forma politicamente motivada, acabam por elaborar complexos jogos de poder, políticas sociais, estratégias de empoderamento, subversão e cooptação de identidades.

Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós modernidade*, discutirá exatamente esse caráter impermanente das identidades, e complexifica a discussão apresentando três noções centrais de identidade: a do Iluminismo, período em que a noção de identidade é balizada por noções de razão, centralidade, unicidade, essência (HALL, 2005, p. 11); a sociológica, na qual identidade sutura o sujeito à estrutura, estabilizando-os em seus contextos, tornando-os unificados e predizíveis; e, por fim, a pós moderna na qual o sujeito não possui uma identidade fixa, essencial, nem permanente: pelo contrário: ela está em processo, definida e redefinida historicamente à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam:

(...) somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

O que Hall ressalta é que, nos processos de globalização, os contatos, conflitos e hibridismos identitários apontados por Silva (2005) são determinantes de um desalocamento do sistema social: a extração das relações sociais de contextos locais de interação é reestruturada ao longo de escalas indefinidas de espaço e tempo, isto é, a modernidade implica tanto um rompimento com toda e qualquer condição que a anteceda, mas também é caracterizada por um processo sem fim de rupturas e fragmentações no seu próprio interior. (HALL, 2005, p. 15 e 16). Nesse sentido, no jogo das identidades, é possível manipulá-las, conduzi-las, e até mesmo se beneficiar. ((HALL, 2005, p. 15 e 16)



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Com as paisagens políticas do mundo da modernidade fraturadas por identificações rivais e deslocantes, advindas especialmente da erosão de uma pretensa identidade mestra da classe e da emergência de novas identidades (...), a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade para uma política da diferença. (HALL, 2005, p. 25)

Nesse contexto, raça, sexualidade, gênero, se tornam categorias discursivas (HALL, 2005, p. 63): a cultura deixa de se resumir a uma prática, pois é perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do interrelacionamento das mesmas. (HALL, 2003, p. 135)

É nesse lugar da cultura, política e seus atravessamentos identitários que a prática do piXo se aloca: estando em sua maioria relacionada à práticas da periferia, dialoga com os preconceitos e exclusão espacial comumente ocupadas pela comunidade negra. O PiXo é um ambiente em que seus praticantes constroem seus próprios pedaços e circuitos. Muitos deles, fortemente marcados pela presença negra. Nesse viés, as noções de identidade, periferia e negritude se engendram e se constituem junto à necessidade de sobrevivência.

(...) As entidades culturais de massa têm sido de grande importância na medida em que, ao transarem o cultural, possibilitaram ao mesmo tempo o exercício de uma prática política, preparadora do advento dos movimentos negros de caráter ideológico. (GONZALEZ, 1982, p. 22 *apud* SANTOS, 2011).

O piXo, em sua maioria, se constitui tal como outros movimentos culturais negros, pois utiliza-se “das mais diversas expressões culturais para dar uma resposta crítica ao sistema de dominação presente na sociedade”, muitas vezes engendrado pela suposta “supremacia racial branca”, pelas estratégias de branqueamento da população brasileira. (SANTOS, 2011) Caminha junto às



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

identidades agenciadas nos espaços segregados das cidades: e essa condição de desigualdade caminha de mãos dadas ao surgimento constante de jovens em conflito com a lei estabelecida. Nesse sentido, o piXo se constitui com a finalidade de conferir existência a seus/suas autor@s, mostrar para a sociedade que determinada comunidade existe e faz parte da cidade: uma das muitas formas que a juventude se apropria do espaço urbano, forma de constituírem e performativizarem suas identidades e estabelecer laços. Essas identidades por sua vez também, muitas vezes, tendem a remeter ao narcisismo masculino, no qual se relaciona o desafio das piXações com uma capacidade de se firmar como homem, força jovem, ou mesmo na crença de uma invencibilidade frente à polícia, à sociedade, à morte. (CECHETTO, 1999, p. 149 *apud* SANTOS, 2011)

Uma visão performática da identidade nos auxilia a enxergar que: mesmo admitindo os problemas de concepções de identidade como cristalizada, essencial, pura, enquanto ferramenta política, a identidade d@ piXador@ pode ser utilizada de forma estrategicamente essencialista. A exemplo desse fenômeno, podemos citar o Movimento Negro como um movimento social de enfrentamento à subalternização a que estão sujeitos pela hegemonia branca: não há apenas uma forma de ser negr@: podemos ter homens, mulheres, jovens, crianças, idosos, deficientes, ricos, pobres negr@s. Por vezes, porém, movimentos sociais se sustentam numa identidade comum como estratégia de força para conquistar direitos: afinal, a linguagem pode não só definir identidades, mas também lhes conferir existências e subjetividades (MUNIZ, 2010, p. 99). No caso de nosso objeto, @s piXador@s, suas existências e subjetividades se fortalecem mutuamente sob uma mesma identidade, mas também a (re)significam, pois ser piXador@ por muito tempo tem sido posto como algo exclusivamente ruim, alienado, criminoso, violento. Então, se entendermos as identidades requeridas pel@s piXador@s como essencialismo estratégico, reconheceremos uma concepção de sujeito que usa táticas de inventividade e



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

resistência para manipular/alterar discursos e ideologias hegemônicas, por meio dos sistemas formais que lhes são impostos em seus atos de linguagem. Os sujeitos praticantes criam para si "um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar da língua." (CERTEAU, 1994/2008) p. 92-93, apud ALENCAR 2014, p. 85).

PiXo e letramentos.

O uso da linguagem escrita, subvertida, o rompimento com as normas padronizadas de uma concepção unívoca de língua também são perpassadas pelas práticas identitárias d@s piXador@s, sobretudo se entendermos as práticas de letramento como constitutivas da identidade e personalidade, como apresentadas por Street (2006, p. 466)

O que vem a ser uma pessoa, a ser moral e a ser humano em contextos culturais específicos é muitas vezes representado pelo tipo de práticas de letramento em que a pessoa está comprometida (...)Quando freqüentamos um curso ou uma escola, ou nos envolvemos num novo quadro institucional de práticas de letramento, por meio do trabalho, do ativismo político, dos relacionamentos pessoais, etc., estamos fazendo mais do que simplesmente decodificar um manuscrito, produzir ensaios ou escrever com boa letra: estamos assumindo – ou recusando – as identidades associadas a essas práticas. (STREET, 2006, p. 470)

A relevância dessa concepção em Street para este trabalho reside justamente na ideia de que as práticas de letramento podem nos posicionar, mas, além disso, que estas podem ser lugares de negociação e de transformação. (p.470) Esse reconhecimento leva a uma visão mais profunda do tipo de letramento que é dominante em nossa própria sociedade. De uma perspectiva intercultural, fica claro que um conjunto de práticas de letramento particular e culturalmente definidas são dominantes na sociedade americana, mas de dentro da sociedade a questão de por que tem de ser assim raramente está na agenda.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

(STREET, 2006, p. 471) A forma cultural que o piXo faz uso da palavra escrita desestabiliza as práticas dominantes do letramento, que, no mais das vezes, vem disfarçado por trás de discursos públicos de neutralidade e tecnologia nos quais o é apresentado como o único letramento. Quando outros letramentos são reconhecidos, como, por exemplo, nas práticas de letramento associadas a crianças pequenas ou a diferentes classes ou grupos étnicos, eles são apresentados como inadequados ou tentativas falhas de alcançar o letramento próprio da cultura dominante: exige-se então a atenção remediadora, e os que praticam esses letramentos alternativos são concebidos como culturalmente desprovidos. (STREET, 2006, p. 472)

Nesse sentido, ele propõe uma visão menos paternalista e menos estreitamente pedagógica do processo, buscando não atentar apenas a como o letramento afeta as pessoas, mas como as pessoas afetam o letramento. Como os indivíduos aplicam ativa e criativamente as habilidades de letramento para atender a seus próprios propósitos e necessidades e se apoderam do letramento. Nos contextos do piXo, os “sujeitos” não são “tábuas rasas” (STREET, 2006, p. 472)

As identidades d@s piXador@s, bem como suas práticas linguísticas, são "atos linguísticos", que, reiterados, condensam em si uma historicidade: são performances que revelam escolhas efetuadas pelos sujeitos no interior de significados historicamente demarcados. É por meio dessa identidade performativa que os sujeitos se (re)definem, se (re)inventam, e (re)inventam, dialogicamente, sua história na linguagem.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

SANTOS, Jaqueline Lima. *Negro, jovem, hiphopper: história, narrativa e identidade em Sorocaba*. Marília: Unesp, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre letramento, in: *Revista de Filologia e Linguística*. São Paulo: USP, 2006.